

O Espozendense

ANO XXXIX

ESPOZENDE, 23 DE OUTUBRO DE 1926

NUMERO 967

Semanario republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA

Anno, sem estampilha 85000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com
estampilha e para fóra 105000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 305000 rs.

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANNUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 80 c. Repetição, 70 c.—Comun. ou re-
clames, linha 25 c. Imposto do sello, cada publicação, 15 c.—Anuncios
particulares: linha 50 c. Reclames e obras literarias méd. um exemp. Não se restituem originaes.

Este numero foi visado pela comissão da
censura

NOVO ANO

O 39

Com o numero passado completou «O ESPOZEN-
DENSE», o seu 38 ano de
publicação.

Com o presente entra no
39 este modesto semanario que
sem o bafejo dos deuses da po-
litica ou de qualquer outra en-
tidade tem atravessado sem de-
sanimo esta via dolorosa cha-
mada impressa portugueza.

Inteiramente independente e
alheio á politica, tem procura-
do sempre norteá-se pelo i-
deal da Verdade e da Justiça,
pondo sempre o seu esforço
ao serviço da causa do engran-
decimento e melhoramentos d'-
esta vila e concelho.

E' a norma que desde prin-
cipio traçamos e que será de fu-
turo a regra de proceder, sem
desfalecimentos ou tibiezas.

E será esse o premio que
desejamos dos sacrificios que es-
ta posição modesta e honrada
nos impoem.

Espozênde

XVI

O FORTE DE S. JOÃO BATISTA DE ESPOZENDE

O Mestre de Campo d'En-
genheiros Vila Lobos mandou
abrir os alçerces do reduto da
fóz do rio Cávado em 1699,
mas a urgente reparação das
praças raianas do rio Minho fez
retardar a obra até 1704.

Haja vista o que succedeu
com o visinho forte da Povoia
de Varzim.

De planta em forma de es-
trela quadrilátera compunha-se
de cinco baluartes, saindo da
cortina ocidental uma bateria
avançada, semicircular, hoje
arrazada, que vantajosamente
defendia a barra espozendense, e
as ligeiras setias argelinas bem
conheciam o alcance da sua ar-
tilheria.

A entrada, unica, voltada ao
nascente, fazia-se por largo por-
tal, de dous metros d'anchura,
com arco de aduelas, e encima-
do pelo escudo das quinas, e
orla de 7 castelos, coberto pela
corôa real; ladeavam as armas
portuguesas dous tenantos sim-
ples, ou suportes em S, um dos
quais ainda chegamos a vêr na
nossa visita de 6 de Outubro
de 1914.

Observamos então que o
assorimento que invadiu esta
praia formava duna contra as
paredes, chegando até ás impós-
tas do arco da porta, e obstruin-
do-a completamente, desde de-
senas de anos; como porém do
lado do mar o médão igualava
o adarve da meia laranja, su-
biam pela area, resolvendo afi-
nal assentar ahí a escada de pe-
dra para serviço do farolim.

A face sul, menos batida
pelos ventos, apresenta livre
quasi toda a cortina, conser-
vando ainda as duas guaritas
nos extremos.

A muralha regula por oito
metros de altura, com cantos de
pedra aparelhada em rijo grani-
to, formando desoito fiadas re-
gulares até á gola, sendo o re-
cheio dos muros composto de
alvenaria grossa, e de suficien-
te espessura.

Dentro, na parada, de 27 x
15 metros, dispunham-se os
quarteis, cosinha e armazens a-
bobodados, tendo em cima a
residência do Governador.

Não tivemos tempo de for-
mar a lista dos Governadores
desta fortaleza, com tudo sabe-
mos de dous:—de 1795 a 1807,
o Sargento-mór Fernando Luiz
Pereira, e de 1807 a 1820, o
Tenente Coronel Luiz Evaristo
de Figueiredo.

Depois de 1834 aqui se alo-
jaram alguns veteranos, e desde
1866 ficou ao cuidado do farô-
leiro.

Honra seja ao official da
nossa Marinha, snr. Antonio da
Silva, digno Chefe do farol, que
intenta a restauração deste his-
torico monumento de gloriosas
tradições, e destinado a proteger
outr'ora a classe trabalhadora.

Viana. 3—X—1926.

L. de Figueiredo da Guerra.

PELA REGIÃO MINHOTA

(Notas historicas)

Espozênde

Esposende, cuja população,
essencialmente trabalhadora, se
dedica em grande parte, ao ar-
riscado trabalho do mar, tem na
sua historia, uma pagina de crepes
—o tragico acontecimento de
1888.

O mar estava calmo. O ceu
era limpo. Varios pescadores, con-
fiados não tanto na sua *sciencia*
nautica como na protecção do
Alto, partiram, ondas alem, com
aquela indiferença verdadeiramen-
te filosófica do homem do mar.
As ondas, ajuçadas pela furiosa
ventania, bramiam arremecendo-
se pelas alturas, enraqueladas e
ameaçadoras. As familias dos po-
bres pescadores corriam á praia
desesperadas, loucas. Por entre
as vagas lá ao longe, os barcos
batiam-se heróicamente com a
tormenta. O clamor da praia fa-
zia contraste com o aspecto ter-
rível do mar. Horas de incerteza e
de angustia, até que o mar, satis-
feito de brincar com os indefesos
baixéis, abriu as gigantescas fau-
ces, engolindo-os num abrir e
fechar os olhos. Esposende é hoje
uma vila moderna, e a sua praia
—*Suave Mar*—é digna, pelas suas
excelentes condições naturais
digna de ser visitada e frequentada.

Pena é a iniciativa, tanto do
Governo como dos particulares,
a não tenham elevado ao nivel a
que tem incontestavel juz.

(Continua)

Rui de Santilena.

CARTA

Aos meus camaradas
dos Caminhos de Fer-
ro da Povoia

Neste remanso tranquilo da
minha adorada aldeia, de onde a
vista se expande através duma
fitas azul do nosso oceano que
nos vivifica e refresca nestas
tardes quentes do Estio, eu não
desejaria voltar de novo ao ta-
blado da Imprensa ferroviaria, se
não existisse ainda na minha
alma de crente nas reivindica-
ções dos que trabalham este

amor que me liga a todos os
assuntos de Caminhos de Ferro
mormente aqueles que se pren-
dem com os interesses do seu
pessoal.

E' do progresso das empre-
zas, grandes ou pequenas, que
depende não só o bem estar dos
seus acionistas, mas também o
dos seus trabalhadores.

Uma empresa falida a todos
arrasta para o caos da preversi-
dade e da miseria e a miseria é
sempre muito má conselheira.

O remedio para este grande
mal está no desenvolvimento
das empresas; mas esse desen-
volvimento nunca poderá efec-
tuar-se sem a cooperação de
todos, dirigentes e dirigidos, des-
de o mais pequeno ao maior.
Todos devem contribuir com o
seu esforço em perfeita comu-
nhão de ideias, no engrandeci-
mento da sua Causa, que é de
todos, pequenos e grandes.

Sem esse grande esforço,
que deve e tem de ser comum,
unidos por laços de verdadeira
confraternisação, não pode haver
ordem e não havendo ordem não
há progresso, não há disciplina
e sem estes elementos todos se
perdem no caos da maior das
degradações.

Quem subscreve estas linhas
o mais humilde dos funciona-
rios do Minho e Douro, já na
disponibilidade, teve sempre pelo
vosso Caminho de Ferro uma
grande admiração e estima. Foi
aqui que pela vez primeira ouviu
o silvar da locomotiva pela mão
experiente do seu velho amigo
Bailorot, de saudosa memoria.
Foi daqui também para o Mi-
nho e Douro um dos seus mes-
tres mais queridos: o maquinis-
ta José da Rosa «da Povoia»,
também já esquecido sob os ci-
prestes do Prado do Repouso e
é por estes Caminhos ainda com
quem vive em contacto perma-
nente, que traça estas inspidas
linhas para dizer das suas im-
pressões ao visitar um destes
dias as Oficinas do Material e
Tracção na Estação da Boavista.

Fiquei deveras surpreendi-
do pela ordem e asseio que en-
contrei em todas as secções.
Ali existe, e oxalá perdure, a
disciplina entre todo o seu pes-
soal. O trabalho é todo efectua-
do com mestria e proficiencia.
Trabalha-se ali com verdadeiro

afan na reparação de máquinas para poder garantir o horario de verão, visto haver deficiencia deste material.

Troquei impressões com alguns operarios e vi-os animados da melhor vontade em prestar todo o auxilio á Direcção para ela poder vencer todas as dificuldades resultantes do aumento de trafego e da deficiencia de material de máquinas e circulante.

Todos eles toram unanimes em elogiar a sua Direcção na pessoa do seu illustre Director o Ex.^{mo} Snr. Vasconcelos Porto pela forma como S. Ex. procura resolver todos os assuntos sempre de acordo com os interesses dos seus subordinados, quer promovendo-os ás classes a que tem direito, quer ainda fazendo-lhe o trabalho a premio e assim tem ali a egualdade bem entendida dentro das suas officinas e garantidos todos os interesses.

Com os elementos técnicos de que dispõem os Caminhos de Ferro da Povoa, sob a intelligentissima direcção do illustre Engenheiro Snr. Vasconcelos Porto, ele deve marcar um lugar de destaque entre os seus congéneres de via estreita.

Vê-se pelo extracto dos jornais que o Conselho Administrativo desta florescente empresa Ferroviaria tenciona introduzir na sua rêde melhoramentos de grande importancia, em harmonia com o seu desenvolvimento e assim consta já a fusão com a Companhia de Guimarães, ligando as duas rêdes ferroviarias com o prolongamento da Boavista á Trindade, onde será construida a sua estação terminus. Este melhoramento, que representa um dispendio de milhares e milhares de escudos deve, a meu vêr, ficar em segundo lugar visto representar um melhoramento de luxo e os tempos não vão de molde para luxo.

Os Caminhos de Ferro da Povoa nada perdem com o seu terminus na Boavista, mórmente enquanto não completar a rede e dotar as suas linhas com o material fixo e circulante indispensavel ás necessidades sempre crescentes do seu trafego.

O que ela carece desde já é rasgar novas linhas, dar aos dois Caminhos de Ferro as celulas vitais de que elas carecem para viver com desafogo, principian-do pelo prolongamento da Povoa a Espozende. Só pode avaliar da riqueza desta parte da região minhota quem vive em contacto com ela.

Os artigos da sua exportação atingem milhares e milhares de toneladas metricas. E' fertil em batata, cebola, alhos, hortica e madeiras e vai servir, além

de tantas outras, as duas importantes vilas Fão e Espozende, nas margens do rio Crvado.

Proximo dali existe o Monte do Faro, as maiores pedreiras que conheço, em pedra de cantaria, em granito primaria, propria para todas as construções. Saem ali, com relativa facilidade, pedras de todas as dimensões!

Depois de todas estas riquezas que garantem um rendimento real ao Caminho de ferro temos a facilidade da contrução em linha horisontal sem obras de arte de grande monta, á excepção de pequenos aquedutos. E', como costuma dizer-se assentar travessas; mas há mais. Os comboios podem ser tracionados por pequenas locomotivas que devido ao perfil de linha rebocam o duplo da carga sem grande ou nenhum esforço, e neste caso a tonelagem quilometrica fica á empreza muito mais barata do que em linhas acidentadas, e além disto temos a conservação do material circulante, em rectas e horisontais, não se gastam os aros das rodas como se gastam em curvas, material de freios, etc., etc., e tudo isto é dum grande alcance económico.

A construção deste troço de linha deve ser o inicio por onde a Companhia deve principiar, deixando para depois o prolongamento da Boavista á Trindade.

Mas... dirão os seus dirigentes «que tem V. com isso?» e eu responder-lhe-ei: Nada, senhores; mas tambem nada lhe levo pelo conselho, ninguem m'o encomendou. O meu interesse reduz-se em muito pouco: vér grande um caminho de ferro pequeno, visto ter recursos de sobra para o poder ser e garantido o seu pessoal na velhice, a quem felicito e abraço como velho camarada das lides ferroviarias.

Navaes—Julho de 1926

José Quesada.

NOTICIARIO

«O Seculo»

O orgão diario do paiz de maior informação e publicidade, assina-se na Livraria Espozendense, editora.

João Freitas

Este nosso velho amigo que ha tempos vem lutando com uma grave enfermidade, encontrando-se ainda no leito, tem conseguido bastantes melhoras ultimamente, com as quaes muito nos regosijamos, fazendo ardentes votos porque em breve o vejamos restabelecido para as lides do seu mister.

A vaidade é faladora, o orgulho é silencio.

Liberdade provisória

Acaba de ser publicado um decreto concedendo liberdade provisória aos réus pronunciados por crimes que admitam fiança, quando o julgamento desses réus não possa efectuar-se em praso competente.

Esta medida aproveita apenas áqueles presos que tenham sido detidos há mais de seis mezes e a cujos delictos correspondam penas correcionais.

Bilhete de identidade

O «Diario do Governo» publicou ha dias um decreto creando o bilhete de identidade para todos os cidadãos portugueses.

Haverá em cada concelho uma Repartição denominada «Arquivo de Identidade», onde serão passados todos os bilhetes pedidos, quasi igualmente como noutros tempos era passada a cédula pessoal.

O bilhete de identidade evita perante os notarios muitos reconhecimentos de assinaturas e abertura de sinais.

O referido decreto entra em vigor no corrente mez.

Bombeiros Voluntarios de Espozende

A assistir aos funeraes que tiveram lugar no ultimo domingo na cidade do Porto, dos seis inditosos bombeiros mortos no pavoroso incendio ali ocorrido, foi desta vila o digno comandante da nossa corporação de Bombeiros Voluntarios com duas praças fazendo-o acompanhar a baddeira da Associação.

Hontem teve lugar na capela da Misericordia, desta vila, uma missa por alma dos infelizes bombeiros, á qual assistiu todo o corpo de bombeiros e muitas pessoas particulares.

Tambem n'aquela cortejo funebre se fez representar a Associação Commercial desta vila e o «Espozendense», pelo director deste semanario.

Manoel Viana

Desde a semana passada que se encontra entre nós, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, no seu chalet além da ponte, o nosso simpatico amigo snr. Manoel José Gonçalves Viana, alma dedicada a esta terra, onde vem passar algum tempo a aliviar as canceiras da vida da cidade de Lisboa, onde é digno professor aposentado da Escola Industrial.

Regosijamo-nos imenso com a sua estada entre nós.

Ultimamente succumbiu aos estragos de uma lesão cardiaca, a sr.^a Roza Emilia de Jesus, viu-

va, de 79 anos, moradora no Largo João Franco. Paz á sua alma.

ANNUNCIOS

EDITAL

N.º 49

O Cidadão Valentim Ribeiro da Fonseca, Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal do Concelho de Espozende.

FAZ PUBLICO que, desde o dia 11 até ao fim do corrente mês, têm de ser solicitadas, na Secretaria da Camara, as licenças a que se refere o Regulamento para a cobrança dos impostos e taxas, de 4 de Outubro de 1924, e que dizem respeito a estabelecimentos commerciaes e industriaes.

Findo que seja o referido praso, serão applicadas aos transgressores as multas constantes do art. 9.º do mesmo Regulamento.

Para constar se afixou o presente e outros de igual teor nos logares do costume.

Espozende, 8 de Outubro de 1926.

E eu, José d'Abreu, o subscrevo.

O Presidente,

Valentim Ribeiro da Fonseca.

Pistola automática

Achou-se uma entre esta vila e Fão que se entregará a quem provar pertencer-lhe e pagar o importe deste anuncio.

Nesta redacção se informa.

Colecção Silva Vieira.

DE GUIMARÃES:

TRADIÇÕES E USANÇAS POPU-

LARES

(Da Terra, do Trabalho, da Mulher, do Amor, do Casamento, da Morte, do Céu, — Vária.)

por ALBERTO V. BRAGA.

1 vol. de perto de 500 pag. 5\$000

Porte do correio 1\$000 reis

A' venda na Livraria e Papelaria Espozendense, de José da Silva Vieira—Espozende.

No preço:

CANCIONEIRO

DE

S. SIMÃO DE NOVAIS